

## EDITORIAL

Elaborar o editorial de uma revista cujos textos tratam de questões da atualidade à luz da teoria crítica parece-nos mais que um desafio; traduz na prática a tão cara tensão fankfurtiana entre as possibilidades de esclarecimento e as de ignorância perante o trabalho. Este número da revista Inter-Ação propõe-se a fazer a articulação entre esse desafio e essa tensão, mesmo entendendo as contradições do propósito. Por outro lado, não há oportunidade maior para praticar contradições do que editar uma revista na atualidade. As dificuldades são tão prodigiosas que fazem lembrar aquela *estranha angústia* narrada por Adorno em sua obra *Notas de literatura* (1965), ao visitar uma feira de livros. Os livros para Adorno representam muito bem a sociedade consumista, *sua força externa é apenas o motivo que os mantém*. Essa afirmação nunca foi tão verdadeira como nos dias de hoje em se tratando não apenas de livros mas também de revistas. A necessidade de atender à demanda internacional, aos critérios dos bancos de dados, à propaganda para o consumo, transforma as revistas em artigos efêmeros, avessos à própria contradição como produto de mercado, assim como os livros: “Vago é o que os livros dizem por fora, como promessa: a de sua semelhança com aquilo que contém” (ADORNO, 1965, p. 28). O formato das revistas deve expressar o gosto dos organismos de avaliação cujo critério maior é o convencimento para o acesso, de preferência eletrônico. A avaliação qualitativa do conteúdo é menos importante do que o acesso quantitativo, este significando pontuação indicativa de qualificação. Ao que parece, as revistas, assim como os livros, devem insinuar-se ao leitor; não são algo existente *por si* na relação com os seus autores e leitores, e sim por um produto, uma *coisa*.

Quando Adorno (1965) procurou compreender a sua *estranha angústia*, percebeu que os livros não tinham mais a aparência de

livros: “Aquelela dignidade do contido em si, duradouro, hermético, que capta o leitor dentro de si, fechando sobre ele a tampa como as capas dos livros sobre o texto – isto está afastado como arcaico” (Ibid. p.17). No caso das revistas sua função de periódico faz com que a angústia tome uma dimensão muito maior. O conceito de periódico já fala por si.

Se existem diferenças fundamentais entre as revistas e os livros, estão menos no sentido mercadológico de existência de um e outro, e mais na circunstância que faz com que as primeiras sejam muito mais práticas e efêmeras. No entanto, talvez as revistas ofereçam muito mais as contradições de um objeto de consumo, como argumenta Adorno ao criticar as modernas editorações de livros.

Em se tratando de uma revista cuja temática procura trabalhar com a teoria crítica, não haveria como se furtar ao reconhecimento das contradições do próprio trabalho técnico, pois este determina fundamentalmente a política de editoração. Por outro lado, há que se fazer justiça: a publicação de livros e revistas, com todas as contradições e dificuldades, demanda uma energia idealizadora, o que, de longe, não implica definição de qualidade do trabalho, mas, diante da reificação da cultura, isso não deixa de ser um mérito.

Com base nesses princípios e reflexões, esta edição da revista Inter-Ação – a partir deste número indexada pela Edubase (Faculdade de Educação da Unicamp) e pelo Iresie (Índice de Revistas de Educación Superior y Investigación, México, DF) – inaugura a temática *Teoria crítica, cultura e sociedade* contendo artigos e resenha de professores da Universidade Federal de Goiás e Universidade de São Paulo. Uma coletânea que agrega diferentes assuntos à luz de autores da teoria crítica da sociedade. Entre as diferentes temáticas trabalhadas, um fator em comum se destaca: a crítica à racionalidade técnica na modernidade, que se apresenta sob a forma de razão, progresso e cultura, e, em decorrência, a degradação do sentido humano da civilização.

O texto de José Leon Crochik, “O desencanto sedutor: a ideologia da racionalidade tecnológica”, discorre acerca das contradições do progresso, a perda do sujeito como preço da socialização humana, com base na falsa cisão entre razão e irrazão. Nesse

trabalho, o autor associa cultura, seu objeto, e civilização como elementos fundamentais para entender a barbárie social e as promessas de felicidade trazidas pela técnica, que vão ao encontro da cultura liberal. A divisão do trabalho, cada vez mais administrada tecnologicamente, apresenta um indivíduo mais indiferenciado, conforme este nutre as necessidades de socialização. A ideologia está na negação do desamparo do homem pela ilusão do progresso, ilusão que substitui valores humanos. A tecnologia assim como sua ideologia constituem mitos históricos que propagam a cultura da dominação. *A ideologia como negação da dominação é a dominação da consciência.*

Dentro dessa perspectiva, Maria do Rosário Silva Rezende apresenta o artigo “A educação com base em uma formação para a emancipação: uma reflexão”. Nele, a autora questiona o sentido da educação, ao mesmo tempo que propõe uma visão mais ampla e cultural da formação humana. Para ela, ocorre na atualidade a perda do sentido do processo educacional decorrido da barbarização produzida pelas relações existentes na sociedade. Essa *pseudoformação* resulta da apropriação da subjetividade pela cultura burguesa e encontra sentido no modelo de educação existente. Rezende questiona ainda: qual é a função dos professores diante dessa realidade?

A barbárie social como *reverso* da cultura também é apresentada por Olgária Chain Féres Matos em “Ética e comunicação: o problema do visível”. A autora aborda o sentido da ética historicamente. Da Grécia antiga à sociedade moderna, a ética ou *ethos* tem um sentido sagrado que permanece na razão. No entanto, esse sentido, apesar de objeto de civilizações, vem-se modificando de acordo com o desenvolvimento técnico, científico e cultural. “A modernidade não se pergunta mais: para onde vamos, pelos fins últimos, pelo Sumo bem-estar, valores da tradição que constituíam o humanismo ético moderno”. A ética moderna atende à *democracia midiática*, corroborada pela *comunicação midiática*, nos quais o sujeito fica impossibilitado de discernir o real do virtual, consequência do *embaralhamento da visão e da compreensão* advindo dessa cultura.

“O pensamento pós-moderno sobre a cultura do espírito tolerante – o solapar do irracionalismo na modernidade pela perspectiva

anti-histórica”, texto de Silvia Rosa Silva Zanolla, analisa, na discussão contemporânea, as chamadas crises da modernidade, da razão e do iluminismo à luz da teoria crítica de Herbert Marcuse. Entre as várias linhas da pós-modernidade, a autora destaca o pensamento de Jean F. Lyotard, filósofo da Escola Francesa, que, segundo ela, apesar de se colocar como crítico, apresenta idéias que fortalecem a dominação cultural e política na atualidade. A idéia de crise da modernidade e do iluminismo está associada ao anti-historicismo e à perda das contradições do ideário liberal, o que milita contra a própria razão crítica, dificultando a consciência dos mecanismos culturais de dominação na sociedade atual.

Na sequência, Ely Guimarães dos Santos Evangelista apresenta “Razão instrumental e indústria cultural”, artigo que enfoca princípios de análise das obras *Dialética do esclarecimento* (1991), de Max Horkheimer e Theodor Adorno, e *Eclipse da razão* (1976), de Max Horkheimer. Da primeira obra, a autora destaca a crítica da razão iluminista como fator predominante para o reconhecimento das contradições do esclarecimento, que estão historicamente na origem da socialização humana. A razão aparece como irrazão, o progresso como regressão, e a individuação como individualização, dificultando a emancipação humana. Da segunda obra, realça a preocupação de Horkheimer com a perda da autonomia do homem, cuja consequência é o processo de desumanização social. A cultura aparece como produto de mercado sinalizando sua dominação pela técnica.

Veralúcia Pinheiro, no texto “Violência, gênero e adoção”, relata, por meio de estudo de caso, experiências de uma criança que, abandonada devido às condições de precariedade social de sua família, representa a violência ao indivíduo como um fenômeno amplo que envolve dimensões históricas, sociais, culturais e se apresenta de diferentes formas. A autora traduz, por meio do caso específico, a complexidade da formação cultural humana, que necessariamente envolve as instâncias objetiva e subjetiva. Para ela, a educação passa pela modificação das relações sociais estabelecidas por práticas e políticas culturais radicalmente diferenciadas das atuais.

Na seção Resenhas, Monique Andries Nogueira salienta a obra *Teoria crítica, estética e educação* (2001), organizada por Oliveira,

Pucci e Zuin. A obra conta com ensaios por ocasião do Colóquio Nacional *O ético, o estético, Adorno*, realizado em Piracicaba no mês de junho de 1998. Contém ensaios de Theodor Adorno, extraídos do livro *Notas de literatura* (1945) e trabalhos apresentados no colóquio por autores brasileiros, como Rodrigo Duarte, Ramos de Oliveira, Jeanne Marie Gagnebin, Hélio Roque Hartmann, Amós Nascimento, Carmen Lúcia Diez, Luiz Hermenegildo Fabiano, Belarmino César Guimarães da Costa, Henrique Garcia Sobreira, Glauce Arzua e Monique Andries Nogueira.

Enfim, na seção Documentos, apresentamos dois eventos em comemoração ao centenário de nascimento de Theodor Adorno: o III SINCE, *Simpósio Indústria Cultural e Educação: o Centenário de Adorno*, de 2 a 6 de junho de 2003, na Universidade Estadual de São Paulo, e o *Congresso Internacional Theoria Aesthética*, de 9 a 12 de setembro de 2003, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Conselho Editorial